

CONCLUSÃO

“Sexo pago” foi, para mim, um trabalho de grande importância porque me ajudou a relativizar questões que, antes, tomava como dadas, como, por exemplo, uma evidente e uniforme liberação sexual feminina. Me fez ver radicalmente na prática, muito embora já o soubesse na teoria, o peso do nosso círculo social na constituição das nossas representações e na inscrição dos nossos signos.

Surpreendente, neste sentido, foi descobrir que, apesar do Rio de Janeiro carregar a insígnia de cidade “quente”, ainda existem fortes pontos de tradição ao longo da cidade que se expressam, por exemplo, na limitação sexual que muitas mulheres impõem ao seus corpos e a que também são impostas.

Apesar das discontinuidades, o padrão tradicional mostra sua força nas construções arraigadas na mentalidade do carioca. Certos de que a mulher quer, a todo tempo, enlaçá-los, levá-los para o altar, os homens procuram na prostituta a garantia de uma autonomia sexual e afetiva. Além disso, partindo de um modelo ideal de mulher, muitos homens acreditam que com as prostitutas é possível realizar determinadas práticas e performances que não devem fazer com suas companheiras. E assim, muitos homens casados mantêm sua autonomia e a integridade dos seus matrimônios ao comprarem a transgressão. Dessa forma, a preservação da família, denotando traços de permanência, é um discurso que se evoca para justificar a necessidade da prostituta.

Neste sentido, muitos homens ainda reproduzem o discurso corrente do século anterior, que se empenha em justificar e legitimar a procura pela prostituta. O homem, neste contexto, precisa dela porque tem um desejo sexual naturalmente incontrolável, que chega a ser definido e justificado como vício. Ela é necessária porque o homem “*precisa se aliviar sem compromisso*”, porque ele “*quer uma mulher que não é sua*”. Os discursos são bastante similares. Talvez se não fossem historicamente definidos, não saberíamos a diferença de tempo do relato.

Por outro lado, se o século XIX vivia sob o dispositivo da aliança, em que a sexualidade aparecia como algo relacionado à família ou ao romântico,

contemporaneamente, sob o dispositivo da sexualidade, a mesma aparece como algo desprendido da família. É o exercício da sexualidade em si, ou seja, a individualização da sexualidade. Nestes termos, esta individualização faz parte do processo de construção de identidade dos indivíduos. .

A prostituta vem, na contemporaneidade, atender às necessidades de uma sexualidade que tenta se afirmar e construir a partir de si. Ela se constitui em rito de afirmação da masculinidade, em que se constrói o indivíduo e a identidade masculina.

Mais ainda, a prostituta possibilita, em suas conotações e significados, o exercício pleno do individualismo e imediatismo, fenômenos que permeiam a atualidade. Quero dizer com isso que a prostituta atende ao desejo individualista de sentir prazer e fazer sexo no tempo em que se quer, sem que, para isso, seja necessário se relacionar com outra pessoa, se preocupar com ela ou esperar o seu tempo.